

# A “Fuga de Cérebros”: um discurso multidimensional

EMÍLIA ARAÚJO & FILIPE FERREIRA

<sup>1</sup> Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia  
da Universidade do Minho, investigadora no CECS-  
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
era@ics.uminho.pt

<sup>2</sup> Mestrando em Sociologia, na Universidade do Minho  
filipevonnordeck@gmail.com

“On 31 October, there were 97,616 Portuguese people registered *in* the consulates *in* Luanda and Benguela, almost double the number *in* 2005.(...) According to Brazilian government figures(...),the number of Portuguese alone has jumped from 276,000 *in* 2010 to nearly 330,000” (*In* The Guardian -21 de Dezembro de 2011).

## INTRODUÇÃO

Este capítulo procura relacionar as diversas abordagens sobre a “fuga de cérebros”. Propõe-se a ideia de que uma análise dos discursos mediáticos nacionais e internacionais sobre o fenómeno possibilita um olhar mais crítico sobre o modo como a “fuga e cérebros”, para além da realidade empírica que define, é uma componente discursiva estrutural, por um lado, da política interna e, por outro, da imagem de Portugal no estrangeiro. Assim enunciada, a problemática conduz-nos a relacionar a mobilidade e a emigração de profissionais qualificados juntamente com os seus efeitos sobre a construção da identidade coletiva de Portugal.

Com efeito, ao contrário do termo “mobilidade”, que beneficiou ao longo dos anos de neutralidade valorativa, a “fuga de cérebros” favoreceu, desde o primeiro momento em que foi enunciada, nos anos sessenta, intensos debates ideológicos especialmente endereçados às estratégias dos governos nacionais, no sentido do desenvolvimento de políticas públicas de promoção da ciência, tecnologia e inovação e, igualmente, de crescimento e competitividade (Moreira e Araújo, 2012). Assim, se a emigração é, em geral, um fenómeno que recolhe interesse político de primeira mão, a emigração de profissionais qualificados atrai redobrado interesse (Breinbauer, 2007, Peixoto, 2001). Tal acontece porque a saída destes profissionais pode sinalizar incapacidade dos sistemas políticos nacionais, ou o domínio de outros países que exercem grande capacidade de atracção sobre os jovens (com ou ainda

sem ensino superior) com elevados objectivos de auto-realização profissional. Mas também se explica em razão do efeito de "imagem" veiculada e percebida do país de onde saem estes profissionais, face ao exterior.

A "fuga de cérebros" manteve-se semanticamente associada a fluxos de países subdesenvolvidos para países mais desenvolvidos, não só porque este tipo de fluxos é uma realidade em todo o mundo, mas também porque houve a criação e a sedimentação de uma certa crença sobre a irreversibilidade do processo de desenvolvimento. Esta perspectiva favoreceu a ideia de que a saída em grande volume de população qualificada de um país (mais) desenvolvido, para outro localizado na mesma posição, não é sinal de "fuga de cérebros", mas de mobilidade e de circulação de pessoas, capitais e culturas (Brandi, 2001; 2004; 2009), com potencial de ganho para todas as partes envolvidas (vr texto de Videira, nesta edição).

Os anos mais recentes marcaram o exacerbar desta fronteira entre o uso da expressão "fuga de cérebros" para caracterizar os fluxos dos países não desenvolvidos e/ou em vias de desenvolvimento, para países desenvolvidos e o uso da "mobilidade" para definir os fluxos entre países desenvolvidos que, em muitos casos, beneficiam de legislações favoráveis à circulação de pessoas (como o espaço europeu). E se esta fronteira é notória no seio dos estudos científicos sobre os fenómenos da mobilidade e das migrações, ela está ainda mais cristalizada no seio dos discursos políticos, particularmente nos países desenvolvidos com mais dificuldades em aceder a posições centrais nos domínios da ciência, da tecnologia, da inovação e da competitividade, como é o caso de Portugal. De qualquer modo, trata-se de uma fronteira (marcada pela necessidade e *distinção* e *distanciamento*) que, no contexto de relativa acalmia económica, passa perfeitamente despercebida.

Ainda que alguns estudos tenham mostrado, desde os anos noventa, a dificuldade em atrair profissionais qualificados portugueses com experiências no estrangeiro (Fontes, 2007), é demonstrável o modo como os estudos evidenciaram o forte investimento por parte dos governos em Portugal na mobilidade internacional de investigadores, no quadro de vários programas estabelecidos com universidades estrangeiras de prestígio (Delicado, 2007; 2008).

Num primeiro momento a "mobilidade" e a "fuga de cérebros" constituem debates ainda marcados pela colagem da segunda expressão a uma definição algo estrita dos profissionais que a integram. Os "cérebros" são, nesta primeira fase, profissionais altamente destacados, não só pelo seu nível de formação, mas, sobretudo, pelo nível de qualificação e pelo alto nível de desempenho profissional, reconhecido no seio do respectivo mercado. São, por isso, profissionais, susceptíveis de ofertas de trabalho diversas, normalmente caracterizadas pela existência de recompensas económicas mobilizadoras da deslocação. Incluem-se, portanto, artistas, quadros ligados ao desporto, cientistas e, fundamentalmente, altos quadros executivos de empresas que, nesta lógica, são atraídos, "empurrados" à procura de melhores condições, ou simplesmente "caçados" por empresas estrangeiras. Parte deles movimentam-se em sequência das próprias actividades que desenvolvem. Não são verdadeiramente nem empurrados, nem "caçados". Apenas se deslocam, por exemplo, entre empresas dos mesmos grupos económicos (emergentes e consolidados a partir dos anos oitenta) e cada vez mais transnacionais, ou a partir de grandes centros de ciência e tecnologia, agregadores de grande

volume de financiamentos. De notar que este grupo de profissionais e as suas movimentações estão na base de algumas inovações na teoria social, mormente, na teoria das classes e da estratificação que considera estes cérebros (em permanente movimentação), uma das elites com mais poder de lobbying sobre as políticas e as economias hoje.

Importa frisar que a partir de 2008, com entrada em recessão das economias e, particularmente da portuguesa, o distanciamento dos governos nacionais em relação ao uso do termo "fuga de cérebros" e a preferência pela mobilidade continuou a ser marcante. De qualquer modo, por esta altura, os "cérebros" já não incluem, quer no discurso político e popular, quer no discurso científico, apenas aquela tipologia de profissionais, mas vários outros com ensino superior, recém-licenciados e sem desempenhos ou formações tão elevadas. Além disso, torna-se mais visível que a saída de Portugal se explique pela necessidade de procurar de emprego (e não só de melhores oportunidades de auto-realização) e assegurar condições de sobrevivência individual e familiar.

O episódio que rompe com o estatuto velado da mobilidade como potencial "fuga" de qualificados no espaço público é a afirmação de um membro do governo, no Brasil, em 2010, quando, numa conferência se afirma favorável à migração. A partir desta altura, a realidade sociológica, revelada pelo aumento de número de licenciados, doutorados com ou sem experiência profissional que pedem vistos para o Brasil, Moçambique Angola e usam as redes familiares de emigração para entrar noutros países da Europa, EUA e Canadá, cruza-se com a vontade política de manter reserva sobre o uso da expressão "fuga de cérebros", sendo privilegiadas as expressões "mobilidade de cérebros" e "circulação de cérebros". Os anos 2008-2009 marcam, assim, o início de um debate público mais intenso sobre a "necessidade de emigrar" e o "direito de não emigrar", particularmente expressivo nos media, nacionais e internacionais. Debate em que a expressão "fuga de cérebros" não deixa de continuar a ser "apenas uma palavra"<sup>1</sup>, no sentido em que é perfeitamente ajustável e manipulável ao contexto, ao interesse e ao objetivo dos atores intervenientes no campo de produções de sentido sobre a realidade.

No seguimento de explorações anteriores (Araújo e Ferreira, 2012), neste capítulo, partimos, assim, deste pressuposto acerca da volatilidade do conceito de "fuga de cérebros", assumindo que as mobilidades e as migrações são não só realidades que demonstram a forma como os recursos, os capitais e as oportunidades de vida se distribuem no espaço. São, designadamente, fios condutores das identidades nacionais, não apenas expressas no modo como uma sociedade se pensa e se avalia a si própria, mas também no modo como ela reflecte os discursos veiculados sobre si no estrangeiro. Os discursos mediáticos são um dos compostos destes processos identitários, dado que se interpõem, ou sobrepõem relativamente aos discursos políticos, garantindo formas de construção de representações e de imagens, não especificamente sobre a política de um país, mas sobre a identidade do país, em si mesmo.

Mas, entre os discursos mediáticos nacionais e internacionais há diferenças. São estas diferenças e o seu contributo para a construção de uma imagem de Portugal que pretendemos explorar, ao analisar o modo como os media abordam a "fuga de cérebros" entre 2010 e 2012, em contexto internacional e em contexto nacional.

<sup>1</sup> Expressão usada a partir de Bourdieu, *La jeunesse n'est qu'un mot*, in *Question de sociologie* (1978), Paris, Ed. de minuit.

Procuraremos, assim, definir um quadro analítico da mobilidade e da “fuga de cérebros” que toma como referentes a presença e a ausência da temática nos media. Media que, tal como se encontra documentado na base teórica da problematização do seu cruzamento com o poder político e com o poder económico, não produzem um sentido informativo, descritivo e comunicativo único e específico sobre a realidade migratória envolvendo pessoas com níveis elevados de formação e, em muitos casos, de qualificação. Antes, são fonte de discursos diversos, por vezes contraditórios e, em alguns casos, também influenciados pelos perfis dominantes do discurso justificador e legitimador dos governos e das suas ideologias. Noutros casos, como os media internacionais, aparecem como (re)produtores de representações históricas sobre a identidade do “ser português” e do “ser Portugal”, no mundo.

O texto divide-se, assim, em cinco pontos. No primeiro ponto centramo-nos na apresentação de alguns dados fundamentais para a compreensão do contexto histórico e conceptual que inscreve a problemática da relação entre as migrações e as mobilidades de quadros qualificados e as orientações de política de emprego e de política científica e tecnológica num país. No segundo ponto, focamos alguns estudos que abordam os fluxos da mobilidade a nível global e que visam compreender a sua atualidade e motivações. Num terceiro ponto, aborda-se a questão identitária em relação aos seus atores e procura-se perceber que representações são construídas no debate público. No ponto seguinte, elabora-se um cruzamento discursivo e analisa-se a representação que os meios de comunicação estrangeiros e os portugueses constroem da mobilidade qualificada portuguesa. Finalmente, compara-se essa exploração discursiva e faz-se uma abordagem e discussão final sobre o discurso multidimensional em relação a mobilidade dos quadros altamente qualificados portugueses.

## **1. A “FUGA DE CÉREBROS” COMO PROBLEMA GLOBAL**

As realidades económicas e sociais no mundo são extremamente desiguais. E não são apenas desiguais entre o Norte e o Sul. As desigualdades são transversais, percorrem todos os territórios e abalam todos os projectos políticos, no sentido do desenvolvimento humano e social, no mundo. Assume-se que muitas destas desigualdades têm origem em factores ambientais e naturais, que explicam a maior ou menor propensão dos povos para melhorarem o seu nível de vida. É certo que tais factores não deixam de ter a sua influência, mas são os políticos e ideológicos, nos quais se inscrevem as formas e os limites para o domínio da natureza, que mais contam nessa equação da estratificação mundial de distribuição e acesso aos recursos.

Mas, independentemente do valor explicativo que tenha qualquer outro fator, o acesso a mais e melhores condições de vida constitui-se como principal fator mobilizador da deslocação espacial. A palavra “vida” é extremamente significativa neste contexto, pois delimita um conjunto de pressupostos biofisiológicos e outros psicossociais que podem estar em risco, quando há deslocação (livre, controlada ou clandestina) de um lugar para outro.

Os estudos sobre as identidades e a identidade nacional cruzam-se de diversas formas, com as intensidades, períodos e marcas dos processos migratórios. Uma das marcas da constituição do Estado Moderno radica no princípio da correspondência entre a existência

de um território e de um povo. O controlo e o cuidado sobre o povo surgem, assim, como atributos especiais do Estado, através de políticas legislativas que regulam as entradas e saídas desse território, que confere os direitos e deveres de cidadania e de nacionalidade. Basicamente por essas razões, a saída de pessoas de um país para outro se, em certas alturas, serve como válvula de escape para as dificuldades de o Estado assegurar as tais condições de vida aos seus cidadãos e, no futuro, receber dividendos dessa mobilidade (através de divisas, remessas, ou capitais formativos e científicos), noutras surge perspectivada para o país de origem como “perda”, não só de pessoas, em sentido demográfico, mas justamente de capitais educacionais. Este raciocínio é particularmente relevante no caso em que esta população que sai é qualificada e em que, de algum modo, o Estado de origem investiu durante anos, no sentido de prepará-la para dar um retorno a esse mesmo Estado.

Entre os anos sessenta e os anos oitenta falou-se bastante em “fuga de cérebros”, especialmente na literatura em Economia (Bhagwati e Hamada, 1974; Bhagwati e Partington, 1976). Destacam-se investigações específicas sobre a “fuga” de profissionais, entre os quais, quadros, engenheiros, artistas e cientistas, da Europa rumo aos Estados Unidos, da Europa de leste rumo à Europa Central e da África e América Latina rumo à Europa e Estados Unidos. Como se documenta (Brandi, 2001; 2004), gradualmente, a realidade que havia sido considerada como uma “perda”, passou a ser considerada também um ganho, tanto para os países recetores dessa emigração, como para os países de origem. Peixoto (2001) e outros autores (Góis e Marques, 2007) explicitam que este afastamento da visão linear da mobilidade como “fuga” foi justificado, principalmente, devido ao surgimento e à amplificação do fenómeno das multinacionais, caracterizadas por estratégias de recrutamento no mercado internacional e por formas de mobilidade geográfica de profissionais que pressupunham o entendimento da mobilidade como uma forma de desenvolvimento curricular, por excelência.

Progressivamente, para a maior parte do mundo ocidental mais desenvolvido, a “fuga de cérebros” começava a ser perspectivada como uma expressão linear e redutora da realidade que, a seus olhos, se apresentava como mais complexa e capaz de revelar a absorção geral da mobilidade e profissionais, como mobilidade de capitais, de saberes, de experiências, directamente contributivas para todos os países envolvidos (Saxenian, 2002; Mahroum, 2000 Stark, 2005; Vinokur, 2006; Solimano, 2008). Preocupados com o desperdício de cérebros oriundos de países menos desenvolvidos que esbarram com as regras de entrada nos mercados de trabalho nos países de receção (incluindo reconhecimento de graus académicos), os governos ocidentais, através das suas diversas estruturas, incorporaram bastante bem e de forma célere, a identificação da mobilidade de profissionais qualificados com o paradigma da sociedade global, conhecimento global e circulação de ciência<sup>2</sup>. Entre outros indicadores usados nos discursos de implementação de políticas altamente incidentes sobre a necessidade de “abertura”, estão a valorização da internacionalização nos currículos individuais e a intensificação de programas de apoio à mobilidade internacional em fases de formação, sobretudo ao nível do ensino superior e do doutoramento.

Em síntese, os enquadramentos concetuais sobre a mobilidade de qualificados têm-se distanciado objetivamente do conceito de “fuga de cérebros”, por considerar-se que, num

<sup>2</sup> A institucionalização do discurso sobre a necessidade da mobilidade é bem expressa na quantidade de programas, medidas e documentos produzidos nesse sentido, no contexto dos vários ministérios nacionais de ciência e de tecnologia, entre os quais os europeus.

mundo crescentemente globalizado e sujeito a movimentações à escala planetária, os profissionais que se movem de um para outro lugar não estão “fugir”, ou a “evadir-se”, mas apenas a mover-se, a deslocar-se. Mais: numa perspectiva que interpreta a possibilidade de aquisição de uma cidadania pós-nacional, os profissionais qualificados não são apenas percebidos como aquela faixa da população mais privilegiada, que pode escolher para onde quer movimentar-se, como são também concebidos como aqueles que mais e melhor usam os dispositivos de tecnologias de informação e de comunicação que lhe conferem a possibilidade de continuar a participar, estar activo e co-presente no lugar de onde apenas saem fisicamente (Ackers, 2005).

Ainda na mesma linha, tal distanciamento está justificado pela ancoragem que ainda se faz à definição mais tradicionalmente aceite de “fuga de cérebros”: movimento de profissionais qualificados de países menos desenvolvidos, para países mais atrativos, mais centrais e mais desenvolvidos, isto é, para haver “fuga”, a direcção do fluxo teria de ser dos menos, para os mais desenvolvidos, classificação que nos anos sessenta caracterizava, em particular, alguns países do Norte Ocidental, entre os quais alguns com forte trajectória colonizadora. Recordemos, aliás, que no início dos anos oitenta, houve estudos unicamente interessados em medir como e em que grau as situações de anomia nos países e nas instituições de origem justificavam a emigração de qualificados, para países que esses mesmos profissionais consideravam oferecer melhores condições de realização (Karadima, 1982).

Mas, se no contexto da maioria dos países ocidentais, o paradigma interpretativo e explicativo para a mobilidade de profissionais altamente qualificados é pautado pela centralidade da equação mobilidade e circulação do conhecimento, noutros países a resistência à linearidade desta interpretação é notável. Em países como o Reino Unido, o Brasil, a Austrália e outros (mesmo o Chile e o México) que também são caracterizados pela saída de profissionais, as políticas públicas estão desde os anos 2000 muito centradas na “retenção” de qualificados, nelas estando incluídas estratégias de amplificação da capacidade das universidades e centros de investigação, operadores de transferência de conhecimento e a gestão das mobilidade em fase de formação, que implicam o regresso ao país por parte de quem beneficia de bolsa no exterior, ou que limitam estes períodos de estadia (programa sanduíche Brasil). Estas variações à interpretação sobre a “fuga de cérebros” deveriam fazer-nos pensar em, pelo menos, três assuntos:

Em primeiro lugar, o facto de apesar de ter havido uma enorme transformação na forma como se define, produz e dissemina o conhecimento hoje, à qual não é alheia a transformação ao nível das estruturas geopolíticas de governação, assim como uma relativização dos Estados-Nação; a saída de pessoas e, sobretudo, de profissionais de um país para outro, poder confirmar na realidade situações de perda, desde o momento em que o país de onde saem oferece poucas ou cada vez menos soluções de vida;

Em segundo lugar, o facto de a validade heurística do paradigma da circulação do conhecimento ser muito mais elevada e notória para os países que mais e melhores recursos concentram em termos de fornecimento de trabalho, possibilidades de carreira (e que não são, por correspondência, os melhores locais para viver, do ponto de vista cultural e social);

Em terceiro lugar, o facto de a “fuga de cérebros”, nas suas consequências para os países de saída, estar duplamente camuflada: por um lado, pela imposição paradigmática

da equação entre mobilidade de qualificados e circulação do conhecimento, com garantias de mais-valias para os países de origem; e, por outro, por uma considerável miopia, de que em parte é responsável esse paradigma totalizante da circulação do conhecimento, que condiz com a tese da inevitabilidade do mercado internacional de trabalho, da economia e da política, por parte dos políticos e dos *policy makers* em geral, mas também investigadores na matéria, sobre as modalidades implícitas que toma hoje a “fuga de cérebros” e suas consequências não só económicas e sociais, mas também políticas, sempre que o país não seja capaz de atrair fluxos de profissionais na mesma proporção.

A acrescentar a estes três pontos, está ainda um outro, que passa pelo equacionamento do modo como é possível, no futuro, compatibilizar medidas de promoção da fixação, retenção e atracção de qualificados, com medidas de investimento na mobilidade, internacionalização, presença nos mercados internacionais e redes de colaboração.

## 2. ATUALIDADE DA “FUGA DE CÉREBROS”

Um outro estudo publicado pela OCDE (Dumont, Spielvogel, Wildmaier, 2010), com alguns dados de 2000, e que abrange a realidade da mobilidade dos quadros altamente qualificados a nível mundial observa que os continentes africano e asiático são os que mais vivem a questão da partida dos seus recursos humanos mais qualificados. Em África, é dos países da costa ocidental do continente, bem como da região sul (destacando na região Magrebe somente a Argélia e Marrocos), que partem grande dos quadros altamente qualificados. Enquanto na Ásia, a mobilidade qualificada advém especificamente de países do sudeste asiático como Vietname, Filipinas e Indonésia. Neste estudo aborda-se, igualmente, a América Latina e a Europa como regiões do planeta onde existem grandes fluxos de emigração de recursos humanos qualificados. Na América Latina este fenómeno abrange, especificamente, países da América Central e Caraíbas, mas também países da América do Sul e, em particular o Chile, o Equador e o Uruguai. Na Europa, segundo este estudo, existem grandes fluxos de emigração altamente qualificada em países anglófonos como o Reino Unido e Irlanda, mas, igualmente, em países do Leste Europeu. Outro facto relevante, é que já em 2000 se verificavam grandes fluxos de mobilidade de quadros altamente qualificados a partir de Portugal. Este estudo permite verificar que a mobilidade qualificada é fenómeno muito mais atual da realidade portuguesa do que aquele que o debate público, na sua generalidade, faz crer.

Um estudo elaborado por Franzoni, Scellato e Stephan (2012) abordou a realidade da mobilidade de investigadores e cientistas em 16 países. Tal como em outros estudos, observa-se que os Estados Unidos continua a ser o destino predominante destes fluxos, especialmente de investigadores de países de língua oficial inglesa como o Canada, Austrália e o Reino Unido. Igualmente, os dados dão conta da chegada aos Estados Unidos de um grande número investigadores e cientistas indianos e chineses. A Índia é um dos países que mais assiste a partida dos seus recursos mais qualificados. Apesar da partida de uma parte dos seus quadros qualificados para os Estados Unidos, o Canada, Austrália e o Reino Unido recebem ainda mais do que aqueles que vêm partir. A mobilidade qualificada que estes países acolhem é oriunda da Europa e China.

No resto da Europa, entretanto, o balanço é equilibrado, observando-se em países como França, Alemanha, Holanda e Espanha um semelhante número de entradas e das saídas de quadros qualificados. Em Itália assiste-se a uma grande saída de investigadores e cientistas especificamente para os Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha. Pelo contrário, países como a Suécia e a Suíça recebem mais quadros qualificados de outros países do que aqueles que vêm partir, predominantemente vindos tanto da Alemanha, como da Rússia (estes mais especificamente para a Suécia). As grandes motivações que levam aos investigadores a deixar o seu país de origem, segundo este estudo (*idem.*), são as oportunidades de melhores perspectivas de carreira devido as condições económicas e tecnológicas que os países de acolhimento oferecem, mas igualmente as excelência e relações internacionais que estas oferecem.

Para o caso da literatura produzida em Portugal, observa-se uma certa tendência para se enfatizar a perda de poder explicativo das teses sobre a fuga de cérebros, em favor das teses que acentuam a ideia da circulação do conhecimento. Neste sentido, tem-se assinalado que as redes de diáspora nas migrações e mobilidades dos altamente qualificados potenciam a imagem do país e contribuem para o reforço da economias interna e, em certos casos, para a recuperação do "orgulho nacional". Na linha de outros autores, Delicado (2008) debruça-se sobre a mobilidade dos investigadores e cientistas e afirma não se poder falar em "fuga de cérebros", pois a mobilidade pressupõe, por norma, a manutenção de ligações produtivas com instituições do país de origem. É certo que os fenómenos da globalização e da internacionalização das economias (Peixoto, 1999, Saxenian, 2005) são necessariamente chamados ao debate sobre explicações dos êxodos, mobilidades e migrações. No entendimento de Peixoto, em Portugal, pensar "a fuga de cérebros" implica atender a fenómenos mais estruturais e organizacionais relacionados com as mudanças ao nível da globalização das economias, pois a mobilidade dos quadros altamente qualificados insere-se na realidade das "empresas transnacionais". Quer dizer, a internacionalização da economia conduz naturalmente à deslocação de quadros portugueses, transferidos para cargos cimeiros nas suas filiais (Peixoto, 1999:229 e ss), o que configura um ganho aparentemente evidente para o país.

Ao longo do tempo, os EUA foram o destino preferido dos quadros superiores (Peixoto, 1999:20) e perspectivados como um espaço de "excelência", atraindo, não somente quadros altamente qualificados europeus, mas, igualmente, canadianos e também imensos contingentes provindos de países em desenvolvimento (Araújo e Silva, 2011). Em várias situações de análise de fluxos, os autores consideraram haver "fuga de cérebros" em direcção aos EUA, sendo veiculado que, assim, os países subdesenvolvidos perdiam para os desenvolvidos os seus recursos humanos mais qualificados, potenciando-se outras formas de dominação e de colonização. Para reforçar esta tese, mencionemos que ainda hoje, os autores japoneses se debatem com a questão da centralidade de alguns pólos de desenvolvimento técnico científico e a fuga dos seus melhores qualificados (Oishi, 2012).

A "fuga de cérebros" não é, todavia, uma preocupação académica, mas, também política e social, uma vez que as migrações e as mobilidades, ao configurarem saídas de um país, enunciam a fragilidade deste em prover mecanismos e condições para a fixação das suas populações, com efeitos sobre alguns eixos estruturais da sociedade, como a economia, a sustentabilidade dos sistemas de protecção social e a demografia.

Entende-se, neste contexto, que a questão do "impacto" da mobilidade dos quadros altamente qualificados sobre os países de origem desencadeou um debate em relação aos "ganhos" e "perdas" (Peixoto, 1999) económicos, culturais e sociais, uma vez que a movimentação de pessoas não corresponde apenas à deslocação de capitais e de conhecimentos comercializáveis e de riqueza, em geral. Implica também a movimentação de costumes, valores e modos de vida, envolvendo alterações ao nível legal que implicam as condições para o exercício da cidadania (Salt, 2011). Por essa razão, houve ainda discussão, por vezes camuflada, sobre as identidades nacionais, designadamente no que se refere ao modo como uma população sujeita a grandes vagas de fuga dos seus quadros qualificados devido à sua fraca capacidade de atração, se percebe e conceptualiza a si própria quando se consciencializa de que muito do reconhecimento internacional de outros países para onde emigram e se moveram se deve ao seu trabalho, esforço e empenho.

### **3. ALGUMAS QUESTÕES DE IDENTIDADE E OS PALCOS DISCURSIVOS**

O certo é que desde há várias décadas, a migração qualificada tem ganho terreno, multiplicando-se diversas formas de mobilidade de profissionais altamente qualificados que se apresentam como capitais extremamente valiosos em vários circuitos das indústrias de ponta mundiais: na ciência; na arte; na engenharia. Na economia surgem cada vez mais destacados portugueses, cujos percursos e vida passam, ou pela emigração, ou pela mobilidade de longa duração. Tal como acontece com a emigração não qualificada, esta migração, orientada por profissionais altamente qualificados, contribui para a construção de outra imagem do país, ao mesmo tempo que permitiria aos portugueses outra visão de si próprios no exterior, em geral, mais valorizada e mais prestigiada, do que aquela veiculada pela imagem do trabalhador migrante não qualificado.

O papel das mobilidades qualificadas na construção identitária de um país e de um povo é, todavia, muito contraditória e hoje cada vez mais polémica, o que se justifica, por um lado, pela elevada rapidez com que circulam a informação e as narrativas individuais e colectivas através das redes sociais e dos dispositivos electrónicos de comunicação, e, por outro, pela própria delicada fronteira que se estabelece na imagem de si no exterior, ora como intensamente valorizadora do esforço individual e dos capitais de aprendizagem no país, ora como de desprestígio, vergonha e subserviência que anunciam um movimento de saída de profissionais qualificados para o exterior. Todavia, é também certo que a saída de profissionais altamente qualificados, depois reconhecidos noutros países onde recebem o prestígio não assegurado em Portugal (um fenómeno que atravessa o campo científico e tecnológico, empresarial, artístico), conduz a imensos questionamentos sobre as identidades nacionais, tanto em relação ao modo como esse reconhecimento é interiorizado como uma extensão positiva da imagem nacional (algo reflectido na forma como os media valorizam o trabalho de cientistas portugueses radicados ou em mobilidade em comunidades científicas internacionais altamente prestigiadas), ou como algo negativo a essa mesma identidade (reflectido também na forma como os media debate a questão de saber se e por que razão esses profissionais não ficam em Portugal e atraem para o país mais reconhecimento internacional).

O olhar ainda prevalecente sobre a imagem do português no exterior e sobre a forma como o próprio português se percebe nesse exterior está ainda muito marcado por esta diáspora da pobreza e da falta de condições de vida no país de origem, que empurra os seus habitantes na procura de melhores condições de vida noutros países onde, por sinal, acabam por ocupar lugares mais baixos nas hierarquias sociais. A persistência deste olhar, no fundo ainda associado a um autoconceito de Portugal e dos portugueses face aos outros países e ao mundo é, em parte, responsável pelo investimento político e mediático realizado ao longo dos anos, em especial a partir dos anos noventa, no sentido de se mostrar o outro lado dos portugueses no mundo, sobretudo dos portugueses “de sucesso”.

Assim, justamente por ser uma questão política e social, a mobilidade de profissionais altamente qualificados oferece-se a ser um objecto privilegiado de luta política e ideológica, estando em cima da mesa, por norma, dois tipos de argumento que têm fundamento nas teses e nos estudos sobre o fenómeno: a mobilidade de profissionais altamente qualificados tanto pode sugerir uma análise e uma crítica de tipo estrutural que recolhe a negatividade da classificação “fuga de cérebros” e classifica a saída da população com ensino superior como uma perda no presente e para o futuro do país em várias áreas, muito particularmente as mais técnicas e que exigem saberes culturalmente inscritos; como pode potenciar a valorização de argumentos de carácter mais individualista e liberal, que enfatizam as vantagens da mobilidade e a sua importância para o reforço da internacionalização de Portugal e que negam a “fuga de cérebros”.

#### **4. NOTA METODOLÓGICA**

Apresentam-se (de seguida) os principais resultados da investigação exploratória sobre a representação que os meios de comunicação estrangeiros e os portugueses constroem da mobilidade qualificada portuguesa, procurando inseri-los no contexto de uma problematização mais vasta sobre a temática da fuga de cérebros no espaço global. Com efeito, a relação dos media com a produção de imagens e de representações sobre um povo e a sua influência na construção das identidades nacionais, por relação com as identidades atribuídas por outros, constituiu uma dimensão analítica que incluiu a desconstrução do conceito de discurso e o de sentido. Foram realizadas várias pesquisas em várias fontes de informação, nos últimos dois anos. A seguir a uma análise prévia deste material, efectuada com base na definição de dimensões de análise e de categorias, fez-se uma recolha de materiais (em formato escrito e visual) usando o motor de busca “google”, tendo sido usadas as expressões “brain drain Portugal”, e as expressões “fuga de cérebros em Portugal”. Tal como se documenta a seguir, o número elevado de entradas para cada expressão (1.080.000 em “brain drain Portugal” e 519.000 em “fuga de cérebros em Portugal”), conduziu-nos a uma selecção e aprofundamento dos materiais unicamente dispostos nas primeiras 10 notícias nas expressões “brain drain Portugal” e, igualmente, as primeiras 10 em “fuga de cérebros em Portugal”, da qual se excluíram as notícias veiculadas antes de 2010. São essas às quais nos referimos ao longo da exposição que tem, contudo, um carácter exploratório, em termos teóricos e metodológicos. Em alternativa a esta metodologia foram pensadas outras

estratégias, nomeadamente a constituição de um *corpus* específico constituído de materiais relativos aos media impressos. Não obstante a vantagem metodológica que estas opções trariam, verificou-se ser mais adequada, nesta fase de exploração, uma abordagem mais global que incluisse uma análise geral da presença do fenómeno em vários tipos de media, atendendo também à abrangência e à penetração que hoje têm os meios de comunicação virtuais na construção das realidades sociais.

## 5. OS MEDIA E OS PROFISSIONAIS ALTAMENTE QUALIFICADOS: CRUZAMENTOS DISCURSIVOS

A emigração e os emigrantes constituem temáticas presentes nos media, mas muito pouco estudados e sujeitos a análises críticas de discurso. A maior parte dos estudos existentes incide sobre os contextos de integração e discriminação dos emigrantes, particularmente os menos qualificados (Carvalho, 2007; Cádima e Figueiredo, 2003). Não se identificam estudos sobre os emigrantes qualificados e a forma como os media nacionais (dos países de origem ou de acolhimento) os mostram e a eles se reportam. Num dos raros estudos sobre Portugal, Ferin e Santos (2006) investigaram durante três anos (2005 a 2007) as representações dos imigrantes na imprensa e na televisão, tendo constatado que o crime e outras problemáticas sociais, como a prostituição e a violência se destacam nas notícias apresentadas associadas a emigrantes (Ferin, 2003; Ferin e Santos, 2006). Não obstante serem frequentemente mencionadas as reportagens que mostram a coragem e, sobretudo, o mérito de portugueses pelo mundo – designadamente na área da alta finança, empresas multinacionais, ciência e inovação – não existem estudos sobre o significado dessas reportagens e sobre os seus impactos ao nível das representações nos portugueses residentes, tanto em termos de construção identitária colectiva, como em termos de projecção individual nesses mesmos percursos. Importa notar, todavia, que estas reportagens são tendencialmente bastante incidentes sobre a garantia da extensão da imagem de Portugal como país desenvolvido, com capacidades e capitais intelectuais procurados além-fronteiras. Repare-se, ainda, nas variações entre as reportagens nos media e jornais de grande tiragem, que se fixam em histórias pessoais; e os media sociais que, na vasta gama de blogs, fóruns e outras formas de expressão e de comunicação, tendem a apresentar uma complexidade discursiva muito superior, com um ênfase sobre a “pena” de Portugal não conseguir manter aqueles portugueses que se destacam no espaço internacional:

“O problema não é a qualidade dos laboratórios nacionais, mas o teor das experiências que se fazem fora deles. A maioria destes jovens qualificados não se reconhece na classe política que os comanda. Existe um sentimento de que nossos líderes - a maioria sem experiência internacional e com insuficiente prática profissional fora dos partidos políticos - já não refletem o novo dinamismo da sociedade portuguesa” (8 de Junho de 2011 - Visão).

As diferenças na forma e no tipo de conteúdos veiculados pelos media *mainstream* e pelos media sociais residem em vários motivos, mas são de eleger principalmente, aqueles que se prendem com o estatuto de quem fala ou a quem é dada a palavra reproduzida. Os media *mainstream* reportam-se, genericamente, à produção de conteúdos condizentes com eventos (prémios, conferências, esclarecimentos do governo ou de partidos políticos, ou afirmações de personalidades na área, incluindo, ainda, estatísticas e estudos divulgados).

Deste modo, observa-se que a grande fatia de elementos trazidos ao debate público pelos media inclui, ou histórias individuais, normalmente de experiências de sucesso pessoal, ou referências a argumentos de ordem política que se exercem no contexto direto do espaço público (conferências, debates), embora não no contexto de debate político (na Assembleia da República, por exemplo). Argumentos que são pessimistas em relação à intensificação dos fluxos de mobilidade, embora não usuários da expressão "fuga de cérebros". Uma análise aos conteúdos do *Jornal de Notícias* e da *Visão* no ano de 2011 dá conta da prevalência de notícias politicamente dirigidas, destacando-se pela crítica frente a problemáticas estruturais, como a do desemprego:

"O desemprego da população mais qualificada é crítico: estão atualmente cerca de 64 mil nestas condições (...) Hoje, procurar mão-de-obra em setores de atividade na Europa é mais simples do que no passado, graças à abolição de fronteiras." (18 de maio de 2011 - *Visão*)

"Se nos anos 1960 milhares de portugueses deixaram o País para procurar noutros destinos (sobretudo europeus) melhores condições de vida, é de crer, embora faltem dados estatísticos credíveis que descrevam o fenómeno, que na atualidade se estejam a replicar outros êxodos históricos nacionais, agora também de gente mais qualificada." (18 de maio de 2011 - *Visão*)

"Ao contrário de outros países, em Portugal os investimentos têm empurrado os portugueses para fora do país que neles investiu." (8 de junho de 2011 *in Visão*)  
porque:

"A precariedade deixou de ser temporária, para ser definitiva, vejo que os interesses políticos e financeiros avassalam os interesses de cidadania diria mesmo os direitos humanos desse país que se diz de primeiro mundo. Vejo os nossos pais tristes por verem os seus filhos a partirem, depois de tantos anos de sacrifício para estes puderem estudar e ter um futuro melhor." (28 de Junho de 2012 *in* *Jornal de Notícias*)

"Engenheiros, arquitetos, professores, cientistas, que levam na bagagem conhecimento técnico, doutoramentos, mestrados, licenciaturas." (28 de junho de 2012 - *Jornal de Notícias*).

Porque estão concentrados sobre uma crítica às políticas, os conteúdos acentuam a vertente do esforço e da aventura individual dos profissionais que se movem para outro país, destacando o interesse e o trabalho individuais:

"Têm um espírito de luta e usam uma marcha a mais. Não existem vitórias fáceis. Cada um com a sua estratégia procura a sua vitória." (26 de fevereiro de 2011 - *Visão*)

"Não podes esperar pelos outros, tu deves procurar vencer. E é importante uma vitória que seja clara. Inserir-se bem em qualquer lugar, porque senão os teus filhos encontraram as mesmas dificuldades." (26 de fevereiro de 2011 - *Visão*)

Ainda no plano político, é observável a formatação ideológica sobre a mobilidade, o que ela significa e por que razões se dá. O *Jornal de Notícias* reporta em dois dias consecutivos os posicionamentos distintos face à emigração de jovens:

“Ou os senhores querem que as pessoas fiquem em casa à fome e a viver do fundo de desemprego, é isso que querem?” (Paulo Rangel, 21 de dezembro de 2012 *in* Jornal de Notícias)

“Um primeiro-ministro de um país aconselha uma parte dos seus profissionais mais qualificados (...) a emigrar e a encontrarem oportunidades fora de Portugal, é um primeiro-ministro que não acredita no seu país.” (José Seguro, 22 de dezembro de 2012 *in* Jornal de Notícias)

Nos media sociais e no espaço cibernauta, a presença de outros públicos que não as elites políticas ou científicas e institucionais, é objectivamente mais notada, podendo ser evidenciada a palavra de representantes de associações, de profissionais ligados ao estudo do fenómeno e, mesmo, de profissionais em mobilidade de Portugal para outros países. O nível de complexidade e heterogeneidade discursivas é, a este respeito, mais elevado, pois os enunciadores da palavra são também diversos e numerosos.

Segundo Foucault, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistributiva por um certo número de procedimentos que têm por função esconjurar os seus poderes e perigos” (Foucault, 1997:9). É certo que o discurso mediático não tem o “direito de dizer tudo” (Foucault, 1997:10) e ao mesmo tem inerente o código deontológico da neutralidade. No entanto, este princípio não impede que o discurso mediático se insira em determinada ideologia ou visão, configurada ou não em relação aos seus grupos de interesse. Por outro lado o discurso mediático pode ser orientado para o que o público-alvo quer saber ou até acreditar (Van Dijk, 1998). Os discursos mediáticos sobre os emigrantes qualificados, quase sempre escolhidos entre os milhares de trabalhadores móveis e de emigrantes portugueses, situam-se numa estrutura simultaneamente auto-desvalorizadora de Portugal, face ao resto do mundo, para onde se evadem os portugueses e auto-promocional de Portugal, como país que prepara bem esses profissionais, capazes de constituírem veículos de orgulho da Portugal.

Interessa-nos agora restringir o olhar do debate mediático, apenas ao uso da expressão de “Fuga de cérebros”, assumindo a existência da já referida conotação ideológica que alinha o uso da expressão pela assunção da ineficiência da política interna em “segurar” os seus capitais, independentemente da margem de permeabilidade à ideia sobre o direito dos povos escolherem viver onde quiserem, adquirindo formas novas de cidadania que não implicam a nacionalidade.

## **6. PANORAMA: MEDIA ESTRANGEIROS**

### *ESTRUTURA DISCURSIVA: AUSTERIDADE E A DIÁSPORA DO RETORNO*

A construção da realidade da fuga de cérebros por parte de Portugal sobressai como tópico informativo e objecto de reportagens nos media internacionais, particularmente entre 2010 e 2012. Em vários casos são notícias e reportagens que partem do contacto com

portugueses actualmente a trabalhar nesses países e que integram um conjunto de histórias pessoais, com alguns dados de caracterização da situação económica e social portuguesa, designadamente no que respeita à taxa de desemprego. Noutros casos, são reportagens específicas sobre as condições de vida em Portugal.

Nos media internacionais (imprensa escrita, reportagens vídeo, notícias online), as categorias mais expressivas em redor das quais se constrói a "constatação" da saída de profissionais de Portugal (são mencionados, na grande maioria dos conteúdos, os quadros engenheiros, criativos, médicos e enfermeiros) prendem-se com: i) a causalidade entre políticas de austeridade – desemprego-emigração e ii) a ênfase sobre o carácter do "fluxo", em direcção a países de expressão portuguesa, outrora colonizados pelos portugueses e agora em "emergência" e focos de atração para as novas gerações.

Abaixo, reproduzimos alguns desses conteúdos. Embora ambas as categorias não surjam sempre apresentadas no mesmo texto, elas sobressaem como pontos estruturantes do discurso.

O título de uma reportagem da *France 24*, exibida no dia 18 de outubro de 2012 é o seguinte:

"Portugal's brain drain as graduates flee austerity" (PERCEPT, Adeline , PERROUAULT, Clément , MORRIS, Sarah, *France 24*, 18 de outubro de 2012)<sup>3</sup>.

A reportagem assenta, justamente, na relação de causalidade entre a mobilidade dos quadros portugueses altamente qualificados e as "recentes" políticas de austeridade por parte do governo, que deixam muito dos jovens qualificados portugueses sem perspectivas de emprego e de vida. A reportagem deixa em aberto a questão do possível regresso ou não destes quadros e os impactos que isso pode ter no futuro.

A repórter Sarah Morris relata:

"Of course this people, mostly highly qualified, said that is a good idea to emigrate because we can come back. But the people are wondering when this young people will return to Portugal and are asking who will leave the money to the next generation social security."

Noutra reportagem, agora da TV do parlamento europeu, de 24 de abril, o título era o seguinte:

"The Portuguese brain drain" (ARGENZIO, Alberto, *EuroparlTV*, 24 de abril de 2012)<sup>4</sup>.

Nela, o jornalista italiano Alberto Argenzio, atribui a mobilidade actual às políticas de austeridade. Todavia, sublinha a importância do Brasil e das antigas colónias africanas como destinos dos portugueses mais jovens que percebem estes países como lugares capazes de lhe oferecerem agora alternativas de vida que não se encontram em Portugal.

O canal de televisão *CNBC* apresentara já em maio de 2010, ano em que diversos quadrantes do governo português negavam a existência de fuga de cérebros em Portugal, embora assinalassem as vantagens das mobilidades internacionais, uma reportagem em

<sup>3</sup> [ <http://www.france24.com/en/20121017-portuguese-graduates-flee-austerity> ]

<sup>4</sup> [ <http://europarltv.europa.eu/en/player.aspx?pid=306db5f0-a6d1-4205-99ce-a03c00e023cc> ]

que a mobilidade dos profissionais portugueses era efectivamente classificada como “fuga de cérebros”:

“Portugal’s Brain Drain - a closer look at the exodus of educated Portuguese from their home country” (REGAN, Trish, CNBC, 19 de maio de 2010).<sup>5</sup>

No programa, a mobilidade dos quadros qualificados (recém-graduados e/ou com experiência no mercado de trabalho) é classificada como “êxodo” de cérebros. Afirmando que cerca de 20% dos licenciados em Portugal trabalha no estrangeiro, a reportagem atribui a sua saída à desvalorização das qualificações no mercado laboral português. O Brasil e os PALOPs voltam a ser mencionados como destinos mais amplamente procurados por estes contingentes. Estimando a “perda” que representa para Portugal esta mobilidade, a reportagem adianta que se trata de uma “geração” não especialmente interessada em regressar a Portugal nos próximos dez anos.

A *BBC* também destaca este tema, falando em “dilema” da fuga de cérebros para Portugal:

“Portugal’s ‘brain drain’ dilemma” (MORRIS, Chris, 8 de Abril de 2011, BBC Radio)<sup>6</sup>

O jornalista atribui a causa da saída de quadros qualificados ao clima de austeridade e de aumento de desemprego e retoma a trajetória histórica de Portugal face à conquista do mundo, através dos descobrimentos, metaforizando a procura dos jovens portugueses pelos mesmos países outrora colonizados.

O impacto que esta vaga migratória pode trazer para a recuperação económica também é explorada nesta reportagem, pois segundo o autor desta peça os quadros mais qualificados que são cruciais para a recuperação económica estão a abandonar o país.

Na *BBC News* classificam-se os países de língua oficial portuguesa como destinos da mobilidade dos portugueses qualificados que os procuram para solucionar as situações de desemprego e de crise económica no país:

“Portugal’s jobless graduates flee to Africa and Brazil” (ASH, Lucy, 1 de Setembro de 2011, BBC News)

A reportagem sublinha que muitos, devido à sua qualificação e ao ritmo de desenvolvimento destes países de destino, não pretenderão regressar ao seu país de origem.

A reportagem veiculada no diário norte americano *San Francisco Chronicle* refere-se, mesmo, à inversão de fluxos entre Portugal (como Espanha) e as “ex-colónias”.

“Spain, Portugal suffer brain drain” (HATTON, Barry, Associated Press, 16 de Abril de 2011, San Francisco Chronicle).<sup>7</sup>

O jornalista documenta que os portugueses qualificados “estão de malas feitas” para os PALOP e para Brasil, invariavelmente considerado como uma “economia emergente”.

O *Financial Times* aprofunda o sentido “inverso” da actual “fuga de cérebros” de Portugal em direção a Moçambique:

<sup>5</sup> [ <http://video.cnn.com/gallery/?video=1498592959> ]

<sup>6</sup> [ <http://news.bbc.co.uk/1/hi/9450000/9450935.stm> ]

<sup>7</sup> [ <http://www.sfgate.com/business/article/Spain-Portugal-suffer-brain-drain-2374888.php#photo-1903785> ]

"Portuguese seek future *in* Mozambique" (ENGLAND, Andrew, 18 de Março de 2012, Financial Times)<sup>8</sup>

A reportagem mobiliza algum interesse em redor do desprestígio e da desvalorização sobre esse sentido do fluxo, argumentando que enquanto os quadros altamente qualificados moçambicanos deixam Moçambique com destino aos denominados países desenvolvidos, outros portugueses qualificados chegam a Moçambique, de forma a contornar a situação de desemprego e de precariedade que enfrentam em Portugal. Segundo o editor britânico, este fluxo é percebido com alguma resistência por parte dos moçambicanos que vêm nos portugueses potenciais concorrentes que não trazem benefícios económicos para o país, uma vez que não procurarão fixar-se ali.

A editora on line britânica *Westminster News Online* refere-se à mobilidade de quadros portugueses qualificados para o Reino Unido, usando o termo "exploração":

"Portuguese brain drain explored" Madalena Araújo, 8 de Abril de 2011, Westminster News Online)<sup>9</sup>

Além da excelência na formação académica, a austeridade e o desemprego são mencionados como principais fatores que empurram os portugueses qualificados para fora do país. Nesta peça, são ouvidos alguns portugueses a residir atualmente no Reino Unido, a quem é perguntado se desejariam voltar a Portugal. A peça interroga, com base no uso de alguns indicadores económicos, se esta será efetivamente uma possibilidade, deixando a ideia de que Portugal terá progressivamente cada vez menos possibilidade de os atrair de novo ao território nacional.

## 7. PANORAMA : MEDIA PORTUGUESES

### *ESTRUTURA DISCURSIVA: DUALIZADA*

Os media em Portugal tem apresentado, invariavelmente e ao longo dos últimos dois anos um tipo de discurso sobre a "fuga de cérebros" que, ao contrário do que acontece com os media internacionais, é tendencialmente (até dezembro de 2012) ou pró-ativo em relação às vantagens da mobilidade internacional de quadros, ou *negacionista* em relação à existência de "fuga de cérebros". Ainda na mesma linha, observa-se que as peças e as notícias veiculadas e das quais constam a expressão "fuga de cérebros", são maioritariamente baseadas em posicionamentos de atores políticos, ou com responsabilidades políticas. Facto que dista do panorama dos media estrangeiros, em que se observa um claro privilégio dos portugueses entrevistados e dos argumentos dos próprios jornalistas editores.

Mencione-se, desde logo, uma notícia veiculada pelo jornal o *Público*, na qual o então presidente da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, João Sentieiro afirmava não existir "evasão de cérebros" em Portugal. O mesmo interlocutor citado na peça, adiantava que, pelo contrário, Portugal conseguia "atrair" investigadores estrangeiros. No jornal afirma-se:

<sup>8</sup> [ <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/84622634-6b66-11e1-ac25-00144feab49a.html> ]

<sup>9</sup> [ <http://www.wnol.info/the-portuguese-brain-drain/> ]

"Não há "fuga de cérebros" para o estrangeiro, garante Presidente da FCT" (LUSA, 25 de Março de 2011, Público)<sup>10</sup>

Na peça, o na altura presidente da FCT afirmava que as notícias veiculadas sobre uma grande evasão de quadros qualificados em Portugal não eram "fundamentadas", defendendo a necessidade de haver investimento na educação e na investigação, como forma de ultrapassar a crise.

Esta entrevista a João Sentieiro precede uma notícia de 2010, na qual Ana Cunha Freitas revelava que o Ministro da Ciência Tecnologia e Ensino Superior (então Mariano Gago) acreditava que Portugal conseguiria evitar a saída de Portugal dos seus quadros mais qualificados, atendendo aos investimentos que o país havia feito na ciência e tecnologia. No jornal, a "fuga de cérebros" surge completamente negada pela jornalista, mas a ideia surge veiculada desta forma:

"Portugal tem novas armas para travar "fuga de cérebros"" (FREITAS, Ana Cunha, 25 de Abril de 2010, Público)<sup>11</sup>

Repare-se que noutra notícia sobre o mesmo assunto, mas já de um ano antes, também veiculada pelo jornal *Diário de Notícias*, a fuga de cérebros era considerada inexistente em Portugal, através da referência a intelectuais e cientistas, no caso, João Lobo Antunes que afirma que:

"A fuga de cérebros é uma treta" João Lobo Antunes (DA SILVA, Manuel Carvalho, 24 de Agosto de 2011, Diário de Notícias)<sup>12</sup>

O neurocirurgião não acreditava que a crise económica que o país atravessava iria motivar os quadros e especialistas altamente qualificados a sair do país. O especialista afirma não perspectivar:

"como jovens investigadores de medicina molecular, que são de facto uma elite absolutamente extraordinária, manifestarem desejo de se irem embora para ir trabalhar para outro País".

A entrevista ao jornalista Bruno Faria Lopes pauta-se pela mesma ideia. A entrevista publicada pelo Expresso tem o seguinte título:

"Dois mitos sobre a emigração portuguesa" entrevista a Bruno Faria Lopes (RAPOSO, Henrique, 2 de Fevereiro de 2012, Expresso, <sup>13</sup>

Nela, Bruno Faria Lopes afirma que:

"O brain drain" em Portugal é um mito e que os portugueses qualificadas saem do país por causa do desemprego e pela crise económica é outro mito.

Para Bruno Faria Lopes o fenómeno da "evasão de cérebros" em Portugal apenas existe "na cabeça das elites urbanas e dos políticos", pois, considera, os quadros qualificados que

<sup>10</sup> [<http://www.publico.pt/ciencia/noticia/nao-ha-fuga-de-cerebros-para-o-estrangeiro-garante-presidente-da-fct-1486795> ]

<sup>11</sup> [ <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/portugal-tem-novas-armas-para-travar-fuga-de-cerebros-1433895> ]

<sup>12</sup> [ [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1960729&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1960729&page=-1) ]

<sup>13</sup> [<http://expresso.sapo.pt/doi-mitos-sobre-a-emigracao-portuguesa=f702556>]

saem procuram uma “cultura de trabalho mais centrada no talento” e não tanto na hierarquia, como acontece em Portugal.

Em julho de 2012, o jornal *Expresso* publica uma peça intitulada:

“Cérebros’ mantêm-se em Portugal” (Lusa, 17 de Julho de 2012, *Expresso*)<sup>14</sup>

Nela são mencionadas afirmações da Secretária de Estado da Ciência, Leonor Parreira, segundo a qual os indicadores não apontam para uma “fuga de cérebros” em Portugal, acreditando que “os melhores cérebros não saiam e que os melhores cérebros entrem” e confiando no investimento que a FCT tem desenvolvido no recrutamento dos “melhores investigadores e tecnólogos”.

O diretor executivo do *Health Cluster Portugal*, Joaquim Cunha, não considera que a mobilidade dos quadros altamente qualificados represente uma “evasão de cérebros” mas uma “circulação do conhecimento”, dado que regressam mais tarde ao país. Para Joaquim Cunha:

“Num mundo global, até pode ser benéfico para a economia e para ciência que os jovens qualificados adquiram experiência na Holanda, nos Estados Unidos ou na Alemanha”.

Na mesma reportagem, o reitor da Universidade do Porto, Marques dos Santos, apela aos jovens qualificados a resistir as dificuldades e “ajudar a desenvolver o país”, afirmando que:

“não se pode pensar no que o Estado pode fazer por nós, mas no que podemos nós fazer pelo Estado”.

Pode observar-se que, em paralelo às notícias e reportagens que se vão fazendo pelo mundo inteiro (e em especial, na Europa e Estados Unidos da América) sobre a saída de qualificados de Portugal, as peças dos media portugueses alusivas à mobilidade internacional de qualificados, assim como à “fuga de cérebros” são maioritariamente negacionistas da “evasão”.

Todavia, destaca-se em alguns órgãos de comunicação social e, sobretudo, a partir de 2011, um confronto com a questão, que conta com a chamada ao debate de actores conhecedores da política, mas distanciados dela e com papel relevante no campo da análise do emprego e da economia.

O seminário “Sol” estabelece uma relação de causalidade entre a evasão dos quadros portugueses e o empobrecimento económico do país, que sofre com a saída de capitais humanos qualificados na economia do país. Afirma-se que:

“Portugal arrisca séria ‘fuga de cérebros’ para o exterior” (PALMA, Catarina Costa, 22 de Junho de 2011, *Sol*)<sup>15</sup>

O diretor geral da *Gfk* (empresa de estudos de mercados) António Gomes assume a existência de saídas motivadas pela ausência de perspectivas de emprego no país e afirma que esta saída:

<sup>14</sup> [<http://expresso.sapo.pt/cerebros-mantem-se-em-portugal=f740281>]

<sup>15</sup> [[http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=22387](http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=22387)]

“originará problemas significativos para as empresas e para os países que procuram recuperar da recessão”.

Em outubro de 2011, a Lusa cita o físico e docente na Universidade de Coimbra, Carlos Fiolhais, o qual prevê que os cortes no orçamento de Estado podem motivar a saída dos quadros mais qualificados para o estrangeiro. Numa das raras vezes em que, nos “média” portugueses, a palavra “evasão” é substituída pela “fuga”, é afirmando que:

“OE2012: «Cérebros» podem fugir de Portugal” (Lusa, 20 de Outubro de 2011, Tvi24)<sup>16</sup>

Para Carlos Fiolhais ali citado, existe a possibilidade de uma “evasão definitiva de cérebros”, pois “há o perigo de alguns jovens cérebros brilhantes se sentirem tentados a ir para fora de fronteiras e, pior do que isso, a lá ficar”. Na peça, o professor apela as empresas a investir nestes recursos humanos “talentosos” e “brilhantes” como um meio “de segurar o futuro”.

Ressalta no contexto, a peça do *Jornal Económico*, de janeiro de 2012, quando João Sentieiro, o mesmo que um ano antes e enquanto presidente da FCT, tinha negado a existência da saída de cérebros, afirma estar preocupado com a mobilidade dos quadros qualificados. Na peça, lê-se o seguinte:

“A fuga de cérebros de Portugal será dramática” João Sentieiro (DUARTE, Andrea, 17 de Janeiro de 2012, Económico)<sup>17</sup>

O investimento na ciência e na tecnologia surge de novo apresentado por este interlocutor como um meio de combater a evasão de quadros qualificados.

## 8. DISCUSSÃO DE IDEIAS PRINCIPAIS

Se atendermos à história de Portugal e às sucessivas investidas políticas no sentido da sua aproximação ao mundo, à Europa e ao continente americano, assim como aos indicadores assustadoramente altos de desemprego qualificado recentes, fica evidente que a teorização dos fluxos de mobilidade como circulação de cérebros e não como fuga de cérebros é inevitável no mundo informacional e no espaço de fluxos em que vivemos.

O contexto temporal que se observa está marcado por um crescente interesse mediático e social na questão da migração e da mobilidade, uma vez que estas surgem como alternativas à crise económica estrutural. Facilmente os números podem ser usados, ora para justificar a incapacidade governativa, reposicionando-se o debate ao nível da “fuga de cérebros”, ora para legitimar os processos e globalização do conhecimento e circulação de pessoas, remetendo o mesmo debate para a “circulação do conhecimento”. Nessa perspectiva, o próprio discurso mediático pode ser entendido na dupla vertente: como crítica à política governativa, ou como braço desta política, podendo surgir como veículo incentivador da saída e da sua legitimação. A situação é, por isso, delicada para os jornalistas e para a

<sup>16</sup> [<http://www.tvi24.iol.pt/aa---videos---sociedade/fuga-de-talentos-cerebros-investigadores-universidades-carlos-fiolhais-tvi24/1291041-5795.html>]

<sup>17</sup> [[http://economico.sapo.pt/noticias/a-fuga-de-cerebros-de-portugal-sera-dramatica\\_136005.html](http://economico.sapo.pt/noticias/a-fuga-de-cerebros-de-portugal-sera-dramatica_136005.html)]

construção da mensagem mediática, porque é altamente modeladora dos comportamentos e das representações individuais, podendo ser, eventualmente, conformadora.

O discurso mediático aparece balizado pela polaridade discursiva e justificativa (ao mesmo tempo legitimadora) que se enuncia no discurso político, tal como dissemos antes, alicerçado entre o pólo estrutural liberal incentivador da saída de portugueses e da entrada de estrangeiros e a sua crítica. Uma estrutura discursiva que têm a sua correspondência nas teses da fuga de cérebros e nas teses da circulação do conhecimento.

De forma muito sintética, certo é que a emigração portuguesa foi marcada ao longo do século XX por um significativo fluxo com destino ao Brasil, Venezuela e América do Norte, num primeiro momento e, depois, a partir dos anos setenta, em direção à Europa. É igualmente verdade que a emigração portuguesa se caracterizou, ao longo de todo o século XX, por ser marcadamente não qualificada e analfabeta. A extrema pobreza, por momentos ligada ao contexto da II Guerra Mundial e da guerra colonial, surgiu sempre na dianteira de qualquer outro motivo para a saída dos portugueses. Povo que, pelo menos no contexto europeu e norte-americano, ficou associado a rótulos menos prestigiantes, normalmente fruto das ocupações profissionais e dos modos de vida que os caracterizaram nas diversas regiões onde se foram concentrando. No global, a maioria dos emigrantes ingressava no mercado de trabalho nos países de receção na qualidade de trabalhadores por conta de outrem, designadamente na indústria e nos serviços domésticos.

A grande questão que se põe na análise dos fluxos migratórios dos trabalhadores altamente qualificados, prende-se com o fato de constituírem um grupo que habitualmente não fica sedado no mesmo espaço. O elevado valor das credenciais que detêm possibilita-lhes e incentiva-os à procura de trabalho e de melhores condições em regiões diferentes ao longo da vida, podendo ser, ou não, movidos pelo interesse em voltar e desenvolver o país de origem.

Até aos anos setenta do século anterior, a gestão da distância física e a enorme disparidade em termos de obtenção de condições legais ajustadas à residência num determinado país, assim como a não valorização das formações obtidas, justificavam (e, no caso português, estando a falar da emigração transatlântica) a caracterização das mobilidades dos trabalhadores qualificados como atos migratórios. A partir do momento em que se abolem fronteiras, se criam espaços específicos de mobilidade, com reconhecimento de graus e, no fundo, se globaliza a economia e a sociedade, grande parte das saídas protagonizadas pelos trabalhadores altamente qualificados, entre os quais estão os engenheiros, os executivos, os investigadores e os artistas, configuram situações de mobilidade. Concomitantemente, a internacionalização dos mercados de trabalho nestes sectores propicia ainda mais o desvanecimento do termo "migração" – como estadia permanente num país – e o ganho de interesse do termo mobilidade. No fundo, se muitos dos profissionais que se movem o fazem à procura de melhores qualificações e de lugares mais prestigiados condizentes com a formação que obtiveram e na qual se empenharam, outros movem-se, especificamente, dentro das mesmas empresas e organizações que se internacionalizam e criam filiais (Peixoto, 1999). Este enquadramento é válido e insubstituível, mas ele é necessariamente paralelo à identificação de muitas destas mobilidades como emigrações efectivas, como "saídas" e "fugas" de

Portugal e que, muito distintamente do que acontecia nas primeiras vagas de emigração, diz respeito a uma geração muito mais intensamente preparada para a vida em distância, com menor inscrição na nacionalidade e no que esta poderia significar em termos de projetos de identidade, com mais acesso a tecnologias de informação e de comunicação que moldam os contextos de apropriação e de experiência do tempo e do espaço e que, portanto, não leva na bagagem e no horizonte a ideia de regressar.

Apesar disso, e em abono das vantagens do debate sobre a “fuga de cérebros”, considere-se que o termo “mobilidade” está, no entanto, ele próprio, envolto numa imensa polémica que toca as identidades nacionais e a importância da política de ciência e tecnologia, uma vez que acaba por referir-se à saída de profissionais altamente qualificados de um certo país que vão investir a sua força de trabalho e credenciais noutro país ou região. Mais: representam fragilidades acrescidas para os países de origem, no que respeita à possibilidade de satisfazerem as necessidades das populações em áreas chave, incluindo desenvolver o emprego e o território. Tal como dissemos, até aos anos noventa esta questão era praticamente não debatida e desconhecida em Portugal, embora fosse já estrutural nas articulações de política científica em grande parte dos outros países europeus, a braços com o problema da saída dos seus cérebros ou para os EUA, ou para outros países mais centrais na Europa. Hoje, como observamos pela presença do tema nos media, continua a ser negado ou camuflado e sobretudo, objecto de várias polifonias.

Importa reter deste texto que o efeito mediático da representação da fuga de cérebros é, contudo, distinta se compararmos os media portugueses com os media estrangeiros que fazem passar a ideia da existência efectiva de fuga de cérebros em Portugal, motivada pela crise económica e pelos programas de austeridade, além de assumirem que a única saída para estes profissionais é “retornar às ex-colónias”, numa clara avaliação à história de Portugal.

## REFERÊNCIAS

- Ackers, H.L. (2005). Moving people and knowledge, the mobility of scientists within the European Union. *International Migration*, 43(5): 99–129.
- Araújo, Emília e Silva, Sílvia (2011). A última fronteira: EUA: contributos para a compreensão do papel da mobilidade nas carreiras de investigação. In Albornoz, Mario e Praza, Luis (eds.) *Agenda 2011. Temas de indicadores de Ciencia y Tecnologia* (pp.445-460). Red ibero-americana de Indicadores de Ciencia y Teconologia: Buenos Aires, Argentina. Referências
- Araújo, Emília e Ferreira, Filipe (2012). *O outro para além do mar, na terra: a mobilidade de profissionais qualificados nos media*. Recuperado em 5 e dezembro de 2012, de: [www.repositorium.uminho.pt](http://www.repositorium.uminho.pt)
- Araújo, Madalena (2011). Portuguese brain drain explored. *Westminster News Online*, 8 de abril. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.wnol.info/the-portuguese-brain-drain/>
- Argenzio, Alberto (2012). *The Portuguese Brain Drain*. *EuroparlTV*, 24 de abril. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://europarltv.europa.eu/en/player.aspx?pid=306db5f0-a6d1-4205-99ce-a03c00e023cc>

- Ash, Lucy (2011). Portugal's jobless graduates flee to Africa and Brazil. *BBC News*, 1 de setembro. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.bbc.co.uk/news/world-14716410>
- Bhagwati, Jagdish & Hamada, Koichi (1974). The "brain drain", International Integration of Markets for Professionals and Unemployment: A Theoretical Analysis, *Journal of Development Economics*, 1, 19-42.
- Bhagwati, Jagdish & Partington, Martin (1976). *Taxing the "brain drain": A proposal*, Amsterdam: North Holland.
- Brandi, M. Carolina (2001). *The evolution in theories of the "fuga de cérebros" and the Migration of skilled personnel* Recuperado em 20 de Novembro, 2009, de <http://www.irpps.cnr.it/sito/download/the%20evolution%20study.pdf>.
- Brandi, M. Carolina (2004). La Storia del Brain drain, *Studi Emigrazione*, v.3, 156, 775-796.
- Breinbauer, Andrea (2007). Brain Drain – Brain Circulation or ...What else happens or should happen to the Brains some Aspects of Qualified Person Mobility/Migration, *FIW Working Paper*, N° 4, June 2007. Recuperado em 29 de Dezembro, 2009, de [http://www.fiw.ac.at/fileadmin/Documents/Publikationen/Working\\_Paper/N\\_004-breimbauer.pdf](http://www.fiw.ac.at/fileadmin/Documents/Publikationen/Working_Paper/N_004-breimbauer.pdf)
- Brettel, Caroline & Sargent, Carolyn Fischel (2006). Migration, Identity and Citizenship: Anthropological Perspectives, *American Behavioral Scientist*, v. 1, 50, 3-8.
- Cádima, Francisco Rui & Figueiredo, Alexandra (2003). *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*. Lisboa: ACIME
- Carvalho, Margarida (2007). *A construção da imagem dos emigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa*. Lisboa: ISCTE (Tese de Mestrado)
- Silva, Manuel (2004). A fuga de cérebros é uma treta. *Diário de Notícias*, 24 de agosto. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1960729&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1960729&page=-1)
- Delicado, Ana (2007). *Inquérito aos investigadores portugueses no estrangeiro – Relatório preliminar*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Delicado, Ana (2008). Cientistas portugueses no estrangeiro: Factores de mobilidade e relações de diáspora, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, 109-129
- Duarte, Andrea (2012). A fuga de cérebros de Portugal será dramática, *Económico*, 17 de janeiro, 2012. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de [http://economico.sapo.pt/noticias/a-fuga-de-cerebros-de-portugal-sera-dramatica\\_136005.html](http://economico.sapo.pt/noticias/a-fuga-de-cerebros-de-portugal-sera-dramatica_136005.html)
- Dumont, Jean-Christophe; Spielvogel, Gilles & Widmaier, Sarah (2010). International Migrants in Developed, Emerging and Developing Countries: An Extended Profile, *OECD Social, Employment and Migration Working Papers*, 11. Recuperado em 30 de Novembro, 2012, de [www.oecd.org/els/workingpapers](http://www.oecd.org/els/workingpapers)
- Palma, Catarina (2011). Portugal arrisca séria "fuga de cérebros" para o exterior. *Sol*, 22 de junho. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de [http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=22387](http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=22387)
- England, Andrew (2012). Portuguese seek future in Mozambique, *Financial Times*, 18 de março. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/84622634-6b66-11e1-ac25-00144feab49a.html>

- Ferin Cunha, Isabel (2003). Imagens da Imigração em Portugal, *Revista Media e Jornalismo*. V .2, 71-88.
- Ferin Cunha, Isabel & Santos, Clara (2006). *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Lisboa: ACIME.
- Fontes, Margarida (2007). Scientific mobility policies: how Portuguese scientists envisage the return home, *Science and Public Policy*, 34,4, 284-298.
- Foucault, Michel (1997). *A Ordem do Discurso*, Lisboa: Relógio de Água Editores
- Franzoni, Chiara; Scellato, Giuseppe & Stephan, Paula (2012). Foreign Born Scientists: Mobility Patterns for Sixteen Countries, *Working Paper* 18067, 1-25, NBER Working Paper Series. Recuperado em 30 de Novembro, 2012, de <http://www.nber.org/papers/w18067>
- Freitas, Ana Cunha (2010). Portugal tem novas armas para travar "fuga de cérebros", *Público*, 25 de Abril. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/portugal-tem-novas-armas-para-travar-fuga-de-cerebros-1433895>
- Góis, Pedro & Marques, J. Carlos (2007). *Estudo Prospectivo sobre Imigrantes Qualificados em Portugal*. Lisboa: Observatório da Imigração – Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, Novembro 2007, Lisboa. Recuperado em 15 de janeiro, 2010, de [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo\\_OI\\_24.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo_OI_24.pdf)
- Hatton, Barry (2011). Spain, Portugal suffer brain drain, *Associated Press/San Francisco Chronicle*, 16 de abril. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.sfgate.com/business/article/Spain-Portugal-suffer-brain-drain-2374888.php#photo-1903785>
- Karadima, Oscar (1982). *Anomie and the "Brain Drain": A Sociological Explanation*, Washington D.C.: ERIC
- Lusa (2011). Não há "fuga de cérebros para o estrangeiro, garante o presidente da FCT", *Público*, 25 de março. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/nao-ha-fuga-de-cerebros-para-o-estrangeiro-garante-presidente-da-fct-1486795>
- Lusa (2011). OE de 2012: "Cérebros" podem fugir de Portugal. *Tvi24*, 20 de outubro. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.tvi24.iol.pt/aa---videos---sociedade/fuga-de-talentos-cerebros-investigadores-universidades-carlos-fiolhais-tvi24/1291041-5795.html>
- Lusa (2012). Cérebros mantêm-se em Portugal. *Expresso*, 17 de julho. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://expresso.sapo.pt/cerebros-mantem-se-em-portugal=f740281>
- Mahroum, Sami (2000). Highly skilled globetrotters: mapping the international migration of human capital, *R&D Management*, 30, 1, 23-32
- Mariano, Fátima (2010). Emigração portuguesa está mais qualificada, *Jornal de Notícias*, 6 de Junho. Recuperada em 12 de julho, 2012, de [http://www.jn.pt/Domingo/Interior.aspx?content\\_id=1586730](http://www.jn.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1586730)
- Moreira, Sandra & Araújo, Emília (2012). Elementos para uma reflexão sociológica sobre o fenómeno da mobilidade de investigadores e cientistas, *Revista Política e Sociedade*, 20, 227-254.
- Morris, Chris (2011). Portugal "brain drain" dilemma, *BBC Radio*, 8 de Abril de 2011. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de [http://news.bbc.co.uk/today/hi/today/newsid\\_9450000/9450935.stm](http://news.bbc.co.uk/today/hi/today/newsid_9450000/9450935.stm)
- Oishi, Nana (2012). The Limits of Immigration Policies: The Challenges of Highly Skilled Migration in Japan. *American Behavioral Scientist*, 56, 8, 1080-1100

- Peixoto, João (1999). *A Mobilidade Internacional dos Quadros: Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora
- Peixoto, João (2001). Migrações e políticas migratórias na União Europeia: livre circulação e reconhecimento de diplomas, *Análise Social*, 37, 153-183.
- Percept, Adeline; Perrouault, Clement & Morris, Sarah (2012). Portugal's Brain Drain as graduates flee austerity, *France 24*, 18 de outubro. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://www.france24.com/en/20121017-portuguese-graduates-flee-austerity>
- Pidd, Helen (2011). Europeans migrate south as continent drifts deeper into crisis, *The Guardian*, 21 de dezembro, Recuperado em 5 de dezembro de 2012 de <http://www.guardian.co.uk/world/2011/dec/21/europe-migrants-crisis-irish-portuguese>
- Raposo, Bruno (2012). Dois mitos sobre a emigração portuguesa, *Expresso*, 2 de fevereiro. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://expresso.sapo.pt/dois-mitos-sobre-a-emigracao-portuguesa=f702556>
- Reagan, Trish (2010). Portugal Brain Drain – a closer look at the exodus of educated Portuguese from their home country, *CNBC*, 19 de maio. Recuperado em 5 de dezembro, 2012, de <http://video.cnn.com/gallery/?video=1498592959>
- S.A (2011). Rangel sugere agência para ajudar portugueses que queiram emigrar, *Jornal de Notícias*, 21 de dezembro. Recuperado em 12 de julho, 2012, de [http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content\\_id=2198347](http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=2198347)
- S.A (2011). *Desemprego, crise e oportunidade*, 18 de maio. Recuperado em 12 de julho, 2012, de <http://visao.sapo.pt/desemprego-crise-e-oportunidade=f603284>
- S.A (2011). *A diplomacia portuguesa*, 8 de junho. Recuperado em 12 de julho, 2012, de <http://visao.sapo.pt/rodrigo-tavares=s25151>
- S.A (2012). 'Zona de conforto', 28 de junho. Recuperado em 12 de julho, 2012, de [http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content\\_id=2634579](http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=2634579)
- S.A (2011). *Quanto pode valer uma bandeira?*, 26 de fevereiro. Recuperado em 12 de julho, 2012, de <http://visao.sapo.pt/quanto-pode-valer-uma-bandeira=f592085>
- S.A. (2011). *Um primeiro-ministro que aconselha a emigração não acredita no seu país*, 22 de dezembro. Recuperado em 12 de julho, 2012, de [http://www.jn.pt/Paginainicial/Politica/Interior.aspx?content\\_id=2201286](http://www.jn.pt/Paginainicial/Politica/Interior.aspx?content_id=2201286)
- Salt, John (2011). *International Migration and the United Kingdom: Report of the United Kingdom Sopemi correspondent to the OECD, 2011*. London: Migration Research Unit - University College London
- Saxenian, AnnaLee (2002). Brain Circulation: How High-Skill Immigration Makes Everyone, Better Off, *The Brookings Review*, 20, 1, 28-31. Recuperado em 14 de fevereiro, 2010, de <http://people.ischool.berkeley.edu/~anno/Papers/brain-circulation-brookings-review-2002.pdf>
- Saxenian, A.L. (2005). From Brain Drain to Brain Circulation: Transnational Communities and Regional Upgrading in India and China, *Comparative International Development, Studies in Comparative International Development*, 40, 2, 35-61. Recuperado em 3 de fevereiro de 2013 de: [http://www.abdn.ac.uk/sociology/notes07/Level5/SO5512/Week%2010%20\(4\).pdf](http://www.abdn.ac.uk/sociology/notes07/Level5/SO5512/Week%2010%20(4).pdf)

Solimano, Andre (2008). *The International Mobility of Talent: Types, Causes, and Development Impact*. Oxford: University Press. Recuperado em 2 de fevereiro, 2010, de <http://books.google.pt/> Stark, Odded (2005). The New Economics of the "brain drain", *World Economics*, 6, 2,

Van Dijk, T. A. (1998). *Ideology. A Multidisciplinary Approach*. London: Sage Publications Ltd

Vinokur, Annie (2006). Brain Migration Revisited. *Globalisation, Societies and Education* 4, 1, 7-24.